



EXCLUSIVO

Memórias de Sophia

Da intenção inicial de escrever as suas memórias ficaram fragmentos inéditos como os que publicamos nestas páginas: desde as casas de infância e juventude retratadas em poemas e contos, aos dias passados nas ruas do Porto, «cidade onde sonhou as cidades distantes», e à aventura de automóvel entre o Rio de Janeiro e Brasília, durante a primeira viagem ao Brasil. Somam-se outros originais, como a carta escrita por Sophia a Eduardo Lourenço (há 35 anos) onde garantia que «a poesia faz parte da história de vida e não da história da literatura», ou a sequência fotográfica só agora revelada por Luísa Ferreira. Num momento em que a sua prosa é de novo editada, e o espólio continua a ser tratado na Biblioteca Nacional, regressamos à autora de *Dia do Mar* com a ajuda imprescindível da sua filha, Maria Andresen.

A casa desmedida*

INÉDITO

Os dias da infância, adolescência e juventude na casa da avó que os poemas e contos de Sophia eternizaram.

N o Porto a minha vida passava-se entre duas casas: a casa do meu pai e da minha mãe, onde nasci e vivia, e a casa da minha avó, que ficava ao longo da rua, e onde durante os longos, longos anos de infância, adolescência e juventude eu ia quase todos os dias. Ou melhor: não era propriamente a casa da minha avó que eu ia mas à quinta que a rodeava – os maravilhosos jardins, os buxos, as rosas, as camélias, as glicínias, os *muguets* – os altíssimos plátanos do parque e os seus troncos onde estavam inscritas iniciais e datas e, às vezes, desenhados os corações de todos os namorados da família, as suas penumbras verdes na primavera e no verão, a luz dourada do outono e o chão juncado de folhas, o desenho dos ramos nus no céu frio de Inverno, o cheiro intenso e húmido da terra, do lago e dos musgos – o pomar, o ténis, as hortas, os tanques, o pinhal, os campos – tudo isso era para mim um mundo inesgotável de contínua descoberta.

Nas clareiras do pinhal cresciam cerrados os fetos que em pequena me chegavam aos ombros e formavam uma grande massa verde ondulada, onde eu e os meus irmãos pretendíamos tomar banho de mar. Mergulhávamos nos fetos como em ondas, fingíamos nadar, o que nos divertia infinitamente e me punha em grande estado de euforia – saltávamos, ríamos, mergulhávamos entre as folhas ásperas dos fetos, rente ao perfume da terra. Lá em cima baloiçavam as grandes copas dos pinheiros mansos. De repente passavam bandos de pássaros. Estalavam ramos, tudo estava cheio de murmúrios. Ao longe avistava-se o mar brilhante e o friso branco das espumas. Tomar banho nos fetos do pinhal como tomar banho de mar na praia, era a nossa união com a felicidade do terrestre.

Passavam pelo ar aves repentinas
O cheiro da terra era fundo e amargo
E ao longe as cavalgadas do mar largo
Sacudiam na areia as suas crinas

Na primavera a quinta enchia-se de abismos de verdura no parque sob os plátanos, as bétulas, os carvalhos, havia um intrincado — onde rente ao chão cresciam os morangos selvagens muito pequeninos e vermelhos como num conto de fadas. Para os colher picava-me e arranhava-me e rasgava os bibes e os vestidos.

Aliás as crianças daquele tempo andavam sempre arranhadas e esmurradas por mil aventuras. Tínhamos continuamente «os joelhos deitados abaixo» das inúmeras correrias e

trambolhões. Nas cidades, excepto nos centros, havia mais jardins e quintais, mesmo nos bairros pobres. Nós morávamos na periferia da cidade, entre a cidade e o mar, e à roda havia campos e campos e pinhais. Aí corriam e saltavam as crianças pobres, os «garotos da rua», como se dizia. Andavam quase sempre esfarrapados e descalços, alguns estariam subalimentados e alguns habitariam miseráveis casebres. Mas tinham para si vastos espaços livres e lúdicos, o ar fresco, a sombra das árvores, o sol, o verde dos campos.

Nós tínhamos por eles grande admiração pois eram destemidos, saltavam todos os muros, corriam como gamos, trepavam às árvores como esquilos e, com um galho de árvore, dois cordéis e uma tira de borracha fabricavam fisgas infalíveis. Hoje terão melhor alimentação, mais escolas, mais assistência médica, e as suas famílias terão melhores salários. Mas o desenvolvimento da cidade, em troca do que lhes deu, tirou-lhes o ar livre e o espaço da sua expansão. Por isso tanta agressividade, e droga e crime entre os muros cinzentos do inabitável. Naquele tempo, quando corriam e saltavam entre campos e pinhais, mesmo esfarrapados eram reis. Pelo menos assim nos parecia a nós que, sempre que podíamos, abríamos o portão ou saltávamos o muro, para os seguirmos como seus aprendizes, embora sabendo que nunca igualaríamos nem a sua velocidade nem a sua pontaria.

Assim, também nos longos verões das férias dessa época, o nosso pai nos dava sofisticadas canas de pesca, com pequenas



Sophia com 4 ou 5 anos.

Esta casa cheia de vozes, silêncios, ressonâncias, mistérios,
encantações e assombros, aparece em muitos dos poemas e contos que escrevi.
É a casa de Hans do conto «Saga», o jardim do Rapaz de Bronze.
E, múltipla, é também «um dos palácios do Minotauro».

O homem actual perdeu o Tempo. Na minha infância
e adolescência os dias eram compridos, e apesar do colégio
e dos estudos, cheios de horas livres, de demoras em que se podia cismar.
Como disse Goethe, «o ócio é o trabalho do poeta».

bóias encarnadas que mostravam o menor toque. Acocorados no rochedo pouco, e às vezes nada, pescávamos. Puxávamos a linha antes do tempo, dávamos esticões e o peixe quase nunca ia no engodo. Mas nos rochedos próximos, os filhos dos pescadores com o anzol da drogaria e um cordel pescavam sem parar e enfiavam cachos de bressolhas contorcidas no gancho de arame. Por isso os pescadores chamam ao seu trabalho «arte».

A casa que, como a quinta, aparece em versos e contos que escrevi, era desmedida. Um casarão do século XIX com grandes janelas, grandes portas, tectos altíssimos e ao centro um enorme átrio, para onde davam todas as salas do andar de baixo e a galeria do andar de cima. No alto uma imensa clarabóia iluminava a sucessão dos espaços. Por mais atentos que fossem os adultos era maravilhosa a liberdade das crianças nessas casas grandes. Era possível passear uma hora no telhado, ou vaguear na cave, ou comer fora de horas, ou tocar piano na sala de baile sem que ninguém desse por isso. E também ninguém atendia o telefone, fixado numa parede da copa e que durante horas tocava sozinho.

O tempo (naquela época) parecia espaçoso como as casas – quem falava do lado de lá não tinha pressa. Não era como agora quando numa casa muitas e muitas vezes mais pequena corro desabalada para o telefone e mal o toco logo ele se cala. Um dia, a correr para o telefone, parti um pulso – e mesmo assim amigos meus me dizem que tentaram falar para minha casa mas ninguém atendia. O homem actual perdeu o Tempo.

Na minha infância e na minha adolescência os dias eram compridos e, apesar do colégio e dos estudos, cheios de horas livres, de demoras em que se podia cismar. Como disse

Goethe, «o ócio é o trabalho do poeta».

Mas ao domingo era obrigatório jantar com a família toda, um jantar compridíssimo, numa mesa compridíssima. Na cabeceira, estava sentada a minha Avó, já doentíssima e que não comia nada. Nós as crianças ficávamos no outro topo da mesa e aproveitando a distração dos adultos só comíamos o que nos apetecia.

No meio da mesa a todo o comprimento havia maravilhosas compoteiras cheias de frutos secos, frutas cristalizadas e doce de ovos. Nós começávamos o jantar por aí. Eu comia sobretudo alperces cristalizados e avelãs. Outros especializavam-se em queijinhos de ovos ou nozes ou passas. Deixávamos a sopa em meio e pouco nos interessávamos pelo primeiro prato e pela carne. Mas à sobremesa fazíamos fabulosos festins de pudim de maçãs ou castanhada com natas ou tarte de morangos ou framboesas, ou bolo de chocolate, conforme as estações. Às vezes quando nos servíamos demais o criado dava-nos uma cotovelada.

Também ríamos imenso no topo da mesa – e também nos maçávamos um

tanto, fartos de estar sentados e fartos de fartura. Quando finalmente nos levantávamos e os adultos se sentavam nos cantos do átrio fugíamos para os quatro cantos da casa: ou para a sala de jogos onde fazíamos castelos de cartas, construções fêricas com as pedras de Ma-jong, ou para o bilhar onde os mais velhos tentavam jogar com os tacos e os mais novos jogavam



Sophia com a mãe, Maria de Mello Breyner Andersen, em 1944, jardim da casa onde a poetisa nasceu, na Rua António Cardoso, Porto.

à mão, fazendo rolar as bolas de marfim brancas e vermelhas até aos buracos do canto, em diagonal pela mesa fora, ou jogávamos às escondidas em salas desertas.

Com o passar dos anos, os nossos serões iam mudando. Na adolescência, passei horas intermináveis na galeria do andar de cima a revistar os armários de livros. Lia de tudo mas sobretudo uns romances ultra-romanesco que tinham pertencido à juventude das minhas tias. Eram em francês, traduzidos do alemão, e passavam-se em castelos da Turingia ou da Baviera e as heroínas tinham sempre uns cabelos, ora loiros, ora pretos, com maravilhosos penteados entrançados e com pérolas e diamantes, vestidos flutuantes paixões cheias de enredos, segredos e desentendimentos e deslizavam em longínquos espelhos cercados por enormes e profundas florestas sussurrantes.

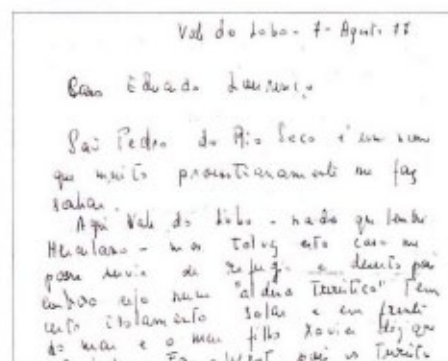
Do alto da galeria olhávamos cá para baixo, para o grande quadrado do átrio quase sempre vazio pois todas as mesas e cadeiras e respectivas pessoas estavam distribuídas pelas galerias que o cercavam, cobertas pelo soalho das galerias do primeiro andar – onde eu procurava livros e me debruçava para ver o que se passava em baixo. No quadrado liso do átrio só se viam as longas tábuas enceradas do chão, as quatro colunas de mármore que suportavam nos cantos o peso das galerias, e, à frente de cada uma, os grandes pajens de bronze cujo braço direito erguia uma tocha com campânulas de vidro baço em forma de chamas. E além de despovoado o átrio não tinha propriamente tecto, o seu espaço subia até ao cimo da casa apenas coberto pela enorme clarabóia de vidro do telhado que, durante o dia, derramava cá para baixo uma luz longínqua, espaçosa e pairante.

Este quadrado desabitado no meio da casa tinha algo de teatro, de trágico, e terrível. Só às vezes as crianças o atravessavam – mas a correr. No entanto não havia nenhuma proibição explícita, nenhum medo consciente. Só uma espécie de acordo consciente.

Na minha adolescência algumas vezes – raríssimas – a meio da tarde – quando os membros da família saíam ou estavam retirados no seu quarto e o pessoal se entretinha na larga varanda das traseiras ou para os lados da copa e da cozinha e quando a luz coada e cismadora da clarabóia convidava a todas as divagações – ousei atravessar o vazio e dançar sozinha no meio do átrio.

Esta casa desmesurada, cheia de gente mas também cheia de lugares vazios e quartos desabitados e fechados, cheia de vozes, silêncios, ressonâncias, mistérios, medos e encantações e assombros, aparece, assim como o jardim, o parque, o pinhal e a quinta, em muitos dos poemas e contos que ao longo dos anos escrevi. É a casa de Hans do conto «Saga», o jardim do Rapaz de Bronze. E, múltipla, a casa é também «um dos palácios do Minotauro» de que falo num dos meus poemas. É igualmente esta a casa que o meu primo Ruben A. descreve no seu livro *O Mundo à Minha Procura*: uma óptima descrição, tão exacta e veemente que poderá parecer inventada. Mas nunca nada é inventado.

Eu penso que a poesia faz parte da história de vida e não da história da literatura.



Carta inédita a Eduardo Lourenço

Vale do Lobo – 7 – Agosto 77

Caro Eduardo Lourenço

São Pedro de Rio Seco é um nome que muito proustianamente me faz sonhar.

Aqui Vale do Lobo – nada que lembre Herculano – mas talvez esta casa me possa servir de refúgio e deserto pois embora seja numa «aldeia turística» tem certo isolamento solar e em frente do mar e o meu filho Xavier diz que isto é um Far-West pois os turistas que por aqui se vêem parecem cactos. [...]

Desculpe escrever nestas folhas de bloco. Mas esqueci-me de trazer papel – o que me faz falta não só para as cartas mas até para escrever.

Vou-lhe mandar para aí o meu livro *O Nome das Coisas*. Agora [...] acho-o irregular. Mas eu penso que a poesia faz parte da história de vida e não da história da literatura. E por isso tinha que o publicar assim mesmo como gráfico do PREC e seus deslumbres, febres e desilusões.

Ao arrumar papéis de há 5 e 6 anos – que na azáfama do PREC tinha posto de lado – encontrei o princípio de uma história de uma vila, bela, nobre e antiga, mas onde três coisas eram impossíveis – a revolução, o amor e a vida.

Era um diagnóstico tão exacto que me deixou a cismar. Não sei se acabarei, e como, essa história.

Estou muito indecisa e buscando um qualquer espaço de projecto.

Mil saudades e um abraço da muito amiga

Sophia



«Porto, cidade onde sonhei as cidades distantes»*

INÉDITO Homenagem às manhãs de nevoeiro, à Ribeira, às leituras de Goethe.

Nasci no Porto.

Ali estão as tilias enormes, as manhãs de nevoeiro, as praias saturadas de maresia, os rochedos cobertos de algas e anêmonas, as Primaveras botticellianas, os plátanos, a cerejeira, as camélias.

Ali o rio, as casas em cascata, os barcos deslizando rente à rua nas tardes cor de frio do Inverno.

Ali o cais, a Ribeira, os rostos, as vozes, os gritos, os gestos. Uma beleza funda, grave, rude e rouca. Escadas, arcadas, ruas abrindo para o labirinto do fundo do mar da cidade. E aqui e além um rosto emergindo do fundo do mar da vida.

Porque ali é a cidade onde pela primeira vez encontrei os rostos de silêncio e de paciência cuja interrogação permanece.

Porque ali é o lugar onde para mim começam todos os maravilhamentos e todas as angústias.

Cidade onde sonhei as cidades distantes, cidade que habitei e percorri na ilimitada disponibilidade interior da adolescência.

Descia pelo Campo Alegre, passava a Igreja do Lordelo, seguia entre muros de jardins fechados.

Através das grades de ferro dos portões viam-se rododendros, buxos, cameleiras.

Depois surgia o rio e ao longo do rio caminhava sobre a balaustrada de pedra, até à barra até aos rochedos onde saltam as ondas.

Histórias de naufrágios, de barcos perdidos, de navios encalhados. Por isso nas noites de temporal se rezava pelos pescadores. Ouvia-se ao longe o tumulto de um mar onde navegavam os pequenos barcos da Aguda tentando chegar quando a trovoadas estava próxima, a luz ia-se abaixo. Então se acendiam velas e se rezava a *Magnificat*.

E o Porto onde vivi a adolescência e, em parte a juventude foi também a cidade onde encontrei uma cultura que não vivia ao sabor do tempo e da moda. Ouvíamos Mahler muito antes de Mahler estar na moda. Estávamos longe de grupos literários. Falávamos pouco ou nada de *avant-garde*. Líamos tanto o Proust. Líamos as Canções de Amigo, Horácio, Goethe, Rilke, Lorca. Os concertos eram longamente esperados, apaixonadamente escutados, religiosamente recordados.

Sem dúvida a cidade tinha as suas convenções, estreitezas e praxes. Mas em contrapartida o cabotinismo e o arrivismo eram coisas raras.

Porque nasci no Porto sei o nome das flores e das árvores e não escapei a um certo bairrismo. Mas escapei ao provincianismo da capital.

* Título arranjado pela revista LER

MARIA ANDRESEN

Espólio aberto ao público em 2016

É quem melhor conhece os originais da autora de *Contos Exemplares*, desde 2010 entregues à Biblioteca Nacional. Com três livros de poesia publicados, a filha de Sophia diz ter agora os seus próprios projetos.

Entrevista de JOÃO POMBEIRO

Há exatamente dois anos, o espólio de Sophia chegava à Biblioteca Nacional (BN). Até hoje, já houve algum desenvolvimento relevante?

O espólio tem que ser tratado pelos técnicos da BN até estar disponível para o público. Há um tratamento especializado que implica um inventário específico (descrição de cada documento), classificação, atribuição de número mecanográfico – creio que é isto, eu não sou técnica. Como houve uma extraordinária redução de pessoal, deixou de haver quem o fizesse. Tudo isso acabou. Penso que há dezenas de espólios à espera de serem tratados e que nunca o serão. Seja como for, um dos itens do nosso contrato é o espólio estar em condições de ser aberto ao público em 2016. Não estou otimista.

Neste momento, há algum investigador a trabalhar nele?

Houve pessoas que me pediram para consultar partes, sobretudo estrangeiros. Federico Bertolazzi, um dos mais interessantes estudiosos da obra da minha mãe, está a finalizar uma tradução a ser publicada em Itália em breve. Ele é o mais interessado investigador do espólio. Ainda ontem trocámos correspondência a propósito. Fez uma das melhores intervenções no Colóquio [Internacional Sophia de Mello Breyner

Andresen, realizado em janeiro de 2011]. Aproveito também para anunciar que as atas do colóquio estão à beira de serem publicadas, com a chancela da Porto Editora.

Tem noção da dimensão inédita do espólio?

Não há muitos inéditos, há alguns. A minha mãe rasgava quase tudo o que não publicava. Há várias versões de alguns textos publicados. Penso que haverá muita poesia dispersa em muitas agendas, diários de viagem, livros de

contas, folhas de rosto e contracapas de livros! Há algumas coisas inacabadas, como por exemplo, uma peça de teatro sobre os Gracos. Ela acabou por transformar alguns fragmentos em poemas que publicou autonomamente.

Os originais dos inéditos que publicamos nesta edição da LER integram o espólio à guarda da Biblioteca Nacional?

Sim. Penso que era intenção dela escrever qualquer coisa como memórias, mas ficou em algumas tentativas soltas e muito bonitas. Também tem diários.

O site da Biblioteca Nacional (<http://purl.pt/19841/1/>) continua bastante completo. É a maior base de informação que um leitor pode ter sobre Sophia?

Quando o fiz, entre fins de 2010 e inícios de 2011, ficou sendo o que de mais completo existe sobre vida e obra. Foi um trabalho em que tentei ser exaustiva sobre aspetos essen-

ciais de maneira a que a resposta a diversas perguntas ficasse arrumada. Tentei que a ligação entre vida e obra ficasse bastante viva, por isso organizei diacronicamente, que ainda é a ordem que revela mais coisas, e tentei que os factos essenciais fossem narrados por ela mesma, fazendo uma colagem de entrevistas, inéditos, etc. Mas também foi muito produtivo

e interessante trabalhar com a [webdesigner] Cecília Matos. Ela foi sempre competente, extremamente delicada e atenta. Foi um trabalho feito com entusiasmo e afeto. Agora o site começa a precisar de uma atualização, mas, para isso, seriam necessárias duas condições: coragem da minha parte e o acordo da BN, porque é preciso pagar ao técnico que o fizer (espero que seja a Cecília), eu não sei mexer ali!



Tem dedicado algum tempo da sua vida ao espólio de Sophia. Ao longo destes anos, há algo que se arrependa?

A minha mãe morreu em 2004 e esse trabalho começou em meados de 2008. Todos os seus papéis, a partir de 2006, estavam numa garagem emprestada. Há uma velha frase: «Alguém tem que fazer o trabalho sujo»; neste caso é o «trabalho duro». Por outro lado, em 1998, depois do meu doutoramento, a minha mãe pediu-me que me ocupasse da sua obra. Organizei a antologia *Mar* e comecei a reeditar toda a obra que estava, de facto, num caos. Comecei pela poesia e ainda foi possível, conversando com ela, recuperar para as edições da Caminho muitos dos poemas que ela tinha retirado ao longo do tempo, como *O Cristo Cigano*. Noutros casos, foi intransigente. E creio que bastante lúcida. Voltando ao espólio, agora saiu *Os Ciganos*, um projeto que o meu sobrinho Pedro tomou em mãos, e a pequena antologia de poemas da minha mãe sobre Fernando Pessoa, *Os Poemas sobre Pessoa*. Há muito tempo que eu achava importante fazer isto, porque há obsessão e contradição na sua abordagem de Pessoa. E são dois movimentos muito curiosos. Bem, agora que arrumei o que estava desarrumado, tento cingir-me a uma gestão corrente. Não sou eterna e tenho os meus próprios projetos.

Projetos que passam pela poesia, como publicou na última década?

Sim, entre 2001 e 2010 publiquei três livros de poesia, algum ensaio sobre temas bastante diversos. Na altura surpreendi-me com o modo como a poesia foi bem recebida e com a opinião unânime de ser completamente diferente da poesia da minha mãe. Mas a partir de certa altura comecei a sentir alguma animosidade como se estivesse a usurpar um direito que não tenho. Seja como for, neste momento estou a trabalhar

em dois outros projetos, um deles bastante diferente de tudo o que já fiz. Perguntou-me se não me arrependi de alguma coisa? Claro que não. Não me ocupei apenas do espólio da minha mãe. Antes disso ocupei-me muito do espólio do meu marido, o Arq. Diogo Vaz. Ele era, na opinião dos profissionais, um bom arquiteto e um extraordinário desenhador. Organizei uma exposição com desenhos e pinturas dele nos fins de 2007 (morreu em 2005). Tive uma grande necessidade de o fazer, um compromisso com a sua vida. Também poucos anos depois da morte do meu pai organizei, com a minha irmã Isabel, dois volumes com os seus *Escritos Políticos*. Tem-me acontecido, quando morre alguém a quem estou muito ligada, ter necessidade de dar continuidade aos seus projetos. É uma maneira de continuar ligada a eles, como se a sua vida pudesse continuar. Depois, a certa altura, eles largam-nos mesmo...